

O ABSURDO DA MORTE E A EVIDÊNCIA  
ORIGINÁRIA DA IMORTALIDADE DO EU EM  
VERGÍLIO FERREIRA

Samuel DIMAS  
*Centro de Estudos de Filosofia,  
Faculdade de Ciências Humanas, UCP*

Mas aqui se identifica o grave equívoco do absurdo. Porque se nada tem justificação, se nenhum valor nos supera, há um equilíbrio difícilíssimo, porque totalmente gratuito, entre o vivermos o absurdo e o enfrentá-lo, entre o cedermos a ele e o impormos-lhe uma lei. (Ferreira, 1991 : 282)

Vergílio Ferreira, no segundo volume do *Espaço do Invisível*, faz um breve comentário às obras dos pensadores franceses Malraux, Saint-Exupery, Sartre e Albert Camus, para concluir a impossibilidade do carácter absoluto do absurdo da vida e da morte. Por absurdo entenda-se aquilo que se apresenta como irremediavelmente dissonante, quer na dimensão do ilógico ou contrário às leis da razão, quer na dimensão daquilo que resiste à compreensão por não se apresentar adequado às exigências da inteligência e da emoção, como por exemplo o mal, o sofrimento e a fatalidade da morte.

Referindo que Albert Camus, ao longo do seu percurso reflexivo, acaba por constatar que o absurdo

da vida não é um fim, mas apenas um começo (Ferreira, 1991 : 283), o autor português apresenta o salto para a transcendência como uma alternativa, proposta por autores como Kierkegaard, Chestov e Karl Jaspers, admitindo a necessidade em conciliar o destino para o nada, que a morte constitui, com a superação desse destino, que a mesma morte enuncia como possível. Recordemos o que diz o autor na abertura do seu ensaio *Do Mundo Original*: «É suficientemente admissível que num qualquer tempo futuro a vida seja tão evidentemente alegria, plenitude, harmonia, como para o homem de hoje a evidência não é essa» (Ferreira, 1979 : 14).

Na identificação da desadequação ou divórcio entre os homens e o mundo e entre os próprios homens, Albert Camus afirma que a condição humana é absurda, cruel e limitada. O reconhecimento desta condição dá-se de forma intuitiva por via de um qualquer acontecimento inesperado que retira a consciência do torpor em que vivia na rotina do quotidiano. O despertar da consciência para a condição de absurdo é uma emoção irracional que deixa o homem com a impressão de ser um estrangeiro no seu mundo, em que nada é evidente e explicado. O homem reconhece as contradições da sua sensibilidade e inteligência no seio de um mundo finito, limitado e mortal. A morte é uma das descobertas do absurdo.

Mas a experiência de falta de sentido pode conferir à vida um sentido maior, mais pleno e renovado e é esta realidade que Vergílio Ferreira descobre no autor de *Le Mythe de Sisyphe*, que tenta exorcizar o absurdo, precisamente, através da inteligência e dos sentidos, procurando um maior sentido da vida e do mundo por via do confronto com o próprio absurdo e por via da

regeneração que emerge desse confronto. Assim, a solução não será a revolução social e política, porque a rebelião autêntica face ao absurdo e à injustiça é aquela que se dá a nível metafísico no âmbito do qual o homem se insurge contra a sua condição criatural. O homem apenas se pode salvar por meio de uma rebelião individual mediante o pensamento e a acção, numa luta constante contra o mal. Cabe ao homem restaurar na criação naquilo que é restaurável.

Daqui se pode concluir, com Vergílio Ferreira, o seguinte : mais que a afirmação do total sem-sentido da vida, que em rigor não é pensável, os textos literários e filosóficos sobre o absurdo, dos autores citados, procuram, essencialmente, revelar os sentimentos de frustração, náusea, revolta e desafio, de quem não encontra resposta evidente para a profunda exigência de sentido que o habita. O absurdo não é mais que o confronto do irracionalismo da condição finita do Mundo com o desejo de clareza e sentido que habita o mais profundo do homem. Como destaca Vergílio Ferreira, o sentimento do absurdo para Albert Camus não é mais que uma espécie de dúvida metódica, em que a negação passa a equilibrar-se com a afirmação, a recusa da morte com a sua justificação, o destino revoltante com a solidariedade, sendo recorrente o recurso à noção de renascimento, embora sem explicitar o seu fundamento e sem acreditar que o mundo possa ter um sentido superior. O único sentido é o do próprio homem, porque ele assim o exige (Ferreira, 1991 : 284-285).

No entanto, o intenso sentimento da contingência pode levar até ao pressentimento do mistério, em que o espírito se abre, por exigência racional, à realidade que ultrapassa a capacidade de absoluta objectivação. Numa

certa afinidade com Albert Camus, que apresenta a emoção e a clareza como vias para o sentido da vida e que apresenta o equilíbrio da evidência e do lirismo como o único que nos dá acesso a essa emoção e clareza (Camus, 1959 : 16), a solução que Vergílio Ferreira nos propõe para superar o absurdo é precisamente a conciliação entre a inquieta via das ideais claras e distintas com a pacífica evidência do plano radical e misterioso que as fundamenta e excede. Um mistério que não é posto pela razão ou pelo questionamento, mas que é o elemento originário da relação de interrogação do pensar com o ser, isto é, que está aquém e além do próprio questionar como seu fundamento. Apesar de ser em nós que o mistério origina a interrogação, não somos nós o seu princípio último e absoluto. A correspondência a essa dimensão originária de Excesso, em que se funda a abertura de todas as possibilidades de sentido, apenas se dá pela superação constante da distração alienante, isto é no esforço de questionamento inteligente e percepção clarividente.

Como tal, o mistério não se confunde aqui com enigma, que diminui à medida que o conhecimento progride e a explicação aumenta, porque como também reconhece Vergílio Ferreira na sua obra *Do Mundo Original*, a luz que ilumina uma sombra não lhe destrói o mistério, assim como a atitude de admiração e de espanto face à vida e à morte não anula nenhuma explicação : « O inverso (ou o inimigo) do « mistério » não é a « claridade mental » – é apenas a « distração » (e às vezes, sim, a « ignorância ») » (Ferreira, 1979 : 33).

Esta experiência da finitude e da interrogação, que abre para o fundamento do Mistério, dá-se com particular intensidade no sentimento do absurdo da

morte, em que esta se insinua como um novo princípio. Como afirma Vergílio Ferreira no seu ensaio *Invocação ao meu Corpo*, questionar o mundo através do confronto com o mal e a dor ou através da arte, revela a necessidade de um Absoluto. Questionar o absurdo da vida e da morte no mundo é, em última instância, questionarmo-nos a nós, ou seja, questionar o nosso destino mortal que nos assalta com terror. Temos medo da morte porque ela nos priva de todos os bens, como o bem da vida e todos os outros que por ela acumulámos, levando-nos a lamentar os que morrem, como se nós estivéssemos imunes a essa tragédia: « De tal modo a morte é um acidente absurdo, que resistimos a admitir o absurdo para todos » (Ferreira, 1978 : 219).

Na perspectiva de Vergílio Ferreira, no sentimento profundo desta eterna saudade, representada simbolicamente nas lápidas funerárias e que nos abre à possibilidade do fundamento último, Deus surge apenas como um compensador perante esse inevitável temor da morte. Teme-se a Deus porque se teme a morte. Assim, de acordo com esta argumentação, Deus redime-nos apenas do terror. É assim que sucede no terrorismo das religiões primitivas que se constitui na transferência do terror da morte para a divindade que tem poder sobre ela. Nesse sentido, afirma o autor que : « Os deuses são terríveis porque a morte é terrível e é necessário que a cólera deles se cumpra, para que se mereça a passagem para o lado de lá. O terror da morte atenua-se, pagando-se o preço exigido pelo terrorismo ».

Quem se questiona sobre si mesmo sem limite parece ser conduzido ao beco sem saída do absurdo de si mesmo, que está marcado pelo seu destino de morte. Mas na sabedoria e na maturidade da vida civilizacional

e pessoal das diferentes culturas, a morte pode permanecer como mistério e não como terror (Ferreira, 1978 : 221). Neste sentido, Vergílio Ferreira destaca a mudança de perspectiva do Velho para o Novo Testamento e do jovem para o ancião, esclarecendo que após uma longa aprendizagem a confirmação da morte vai sendo assimilada cada vez com menos terror, mas sempre com a certeza do fim de uma vida e da corrupção do que construímos, no plano da exterioridade. Mas será isso a destruição de nós mesmos ?

Explica Vergílio Ferreira que num clima trágico de guerra e epidemia parece que a morte é aceite com mais facilidade, porque a fatalidade pesa sobre o mundo em geral e não apenas sobre nós. Aqui não há a ilusão da eterna saudade dos que ficam. Num clima de tragédia aumenta a solidariedade e chorando sobre os outros choramos sobre nós, porque a mesma sorte a todos nos irmana. O confronto não se estabelece entre quem fica e quem parte, mas entre nós e o destino, uma força contra a qual não podemos lutar. Na tragédia de um inimigo comum deixamos de ser inimigos, operando-se uma catarse pela assunção desse destino e, desse modo, purgamo-nos do terror da morte (Ferreira, 1978 : 224-225).

Mas na situação vulgar do quotidiano em que estamos distraídos no seio das rotinas e deveres, a morte surge como um escândalo e um absurdo. Instalados na vida recusamo-nos a reconhecê-la e a sua desvalorização é uma forma dessa recusa. A nossa condição de mortais é a maior certeza que temos, mas também a que mais nos surpreende e essa surpresa deriva do facto de raramente fazermos o exame do confronto com o nosso eu. É nessa ausência de auto-

confronto e auto-transcendência que radica o absurdo da nossa finitude e o pânico do entardecer da nossa vida. Diz Vergílio Ferreira que se nós não nos sentíssemos necessários, a nossa morte não nos poderia surpreender ou afectar. Mas acrescenta que se experimentássemos tal consciência na sua origem, não nos surgiria embaraçada e apenas visível reflexamente em instantes de súbito alarme e desespero que nos trava a respiração. A origem primeira da consciência de sermos necessários está na experiência de nós próprios, isto é, na iluminação ou aparição de um *eu* (Ferreira, 1978 : 228).

Mas também esclarece que o esforço para determinar essa aparição está sempre destinado ao malogro, o qual se deve à impossibilidade de fazer coincidir o *eu* que observa com o *eu* observado e se deve ao facto de ser injustificável ou intraduzível a sensação flagrante do absurdo da morte com a evidência flagrante da necessidade de sermos eternos (Ferreira, 1978 : 228). Para Vergílio Ferreira a destruição do nosso *eu* na condição contingente da realidade temporal é algo de parente e ilusório :

À passagem do tempo corresponderia então a consciência da nossa destruição. Mas nem sequer no corpo nos sentimos destruídos. De certo o corpo envelhece, como o sabemos do espelho. Mas sabê-lo do espelho é sabê-lo de fora – e nós não estamos fora : estamos *dentro*. De dentro de nós, somos o próprio corpo e a imortalidade de um « eu » estende-se até aí. É pois no próprio « eu » que tem a sua raiz essa obscura e invencível consciência de eternidade. (Ferreira, 1978 : 229)

Neste plano, o *eu* não é algo de limitado, não se conhece na indiferença e limitação objectivante, mas no próprio absoluto de estar sendo. Em cada pessoa a

morte não é imaginável, porque é inconcebível que cada um não possa pensar-se na própria evidência de estar vivo. Não nos podemos imaginar mortos. A evidência de sermos é inquestionável e não podemos sair dela. Acrescenta o autor que o não-ser é impensável e que o nada é sempre alguma coisa, que é, precisamente, o ser nada. Da mesma maneira, a morte é inconcebível porque não podemos conceber a não existência do *eu*. Conceber essa não existência implica logo a existência desse *eu* para a poder conceber.

Esta é a evidência que se nos impõe sem mais explicações ou raciocínios, quando descemos ao mais profundo de nós e descobrimos a realidade fulgurante que é a pessoa que somos, ou seja, essa totalidade de nós ou identidade entre a própria realidade de ser e o *eu* que é esse ser, entre a instauração de tudo e o *eu* que a promove, numa absurda presença sem limites: « A morte é absurda porque é absurdo imaginar-me não existindo; e é absurdo imaginar-me não existindo, porque tenho de imaginar-me a existir, para imaginar isso – a não existência » (Ferreira, 1978 : 230).

A interrogação originária que nos leva à noção de absurdo da morte, leva-nos ao encontro de um excesso de nós que participa do próprio excesso de ser e de presença ou manifestação. Da profunda percepção desse excesso emerge a noção do absurdo da morte enquanto contradição do sagrado que originariamente nos constitui. É na realidade misteriosa do ser que o absoluto se revela e que emerge a questão de Deus, como possibilidade do que está aquém e além da morte, resolvendo o seu absurdo. Neste contexto, para Vergílio Ferreira, Deus não pode ser reduzido a um ídolo do nosso desejo, no plano categorial e religioso da vida, apenas podendo ser intuído como o excesso do *eu*

no plano radical e originário da sua misteriosa realidade sagrada.

Em contraposição com o divino da religiosidade, que é à imagem e semelhança do homem, o divino do sagrado é o Excesso que se presentifica na essencialidade manifestativa do Universo e do homem, transcendendo qualquer possibilidade de determinação. Concebido nessa alteridade originária, Deus não é resultado do meu questionamento, mas é antes a questão que provém dele mesmo através da sua presença em mim (Duque, 2011 : 132). O verdadeiro Deus não pode ser visto ou possuído, nem pode ser sabido ou conquistado, mas presentifica-se em nós como insolúvel questão (Ferreira, 1978 : 78) e como infinita e infável justificação para o absurdo da morte e do mal.

Daqui se pode concluir que o medo da morte significa confundir a morte com a perda daquilo que nela se perde segundo a condição de criaturas, ou seja, a família, os amigos e os bens. Uma vez que a vida é a evidência de si mesma, a sua perda é absolutamente incompreensível. Vergílio Ferreira insiste na evidência que é o inimaginável de não existirmos, ou seja, a necessidade da nossa presença a nós próprios, para dizer que Deus se apresenta como a legitimação final dessa necessidade, isto é, como destino e resposta coerente à exigência de sermos, em que o absurdo da morte se dissolve : « Se o não ser é inimaginável, ele é uma irrealidade, um absurdo que se recusa » (Ferreira, 1978 : 231).

Mas, para Vergílio Ferreira, Deus não se apresenta apenas no limite da vida para a tornar coerente para além dos argumentos racionais com que defendemos a coerência. Também na experiência indizível e misteriosa

do sagrado, Deus aguarda ser reconhecido, mas a tentativa de o determinar, de maneira mais ou menos antropomórfica, em vez de possibilitar esse reconhecimento, dificulta-o. De forma distinta, no confronto com o sagrado, que se gera na imediata e originária relação de espanto do homem com o Universo e consigo, constitui-se o indeterminado da interrogação e uma vida informe se anuncia antes da vida, uma força totalizadora antes das forças que regem o Universo, uma obscura presença anterior a tudo o que se presentifica, uma necessidade coordenadora anterior ao que é coordenado e ao que coordena. Esse é o plano sagrado, simultaneamente transcendente e imanente, do Mistério divino, identificando-se com a interrogação original e com o indefinido pressentimento de uma presença totalizadora, vibrando como fímbria que circunda todo o real e como emotividade primeira com que esse real se anuncia (Ferreira, 1978 : 232).

Para o romancista português, a religião já é uma categorização ou positivação desta dimensão misteriosa e excessiva do sagrado, vacilando entre a indeterminação e a determinação, seja esta num Deus pessoal, ou numa determinação menos explícita, como o Deus panteísta. Transposto o limite do plano de uma inominada presença inefável transcendente e imanente, Deus fica reduzido a ídolo de altar, absurdo e injustificável (Ferreira, 1978 : 235). É no plano sagrado da interrogação originária do mistério, por distinção com o plano religioso da pergunta e do problema, que se evidencia a vida perene do *eu*, a presença insondável do divino e a verdade de que a morte não é um limite.

O problema do nosso destino e da morte é o que há em nós de menos indiferente, e dele advém a proposta religiosa. Não podemos aceitar o absurdo de uma vida

humana sem significado e, por isso, aspiramos à imortalidade com o desejo de compreender no *lado de lá* tudo aquilo que aqui tanto nos perturba. Assim, por um lado, Vergílio Ferreira, menosprezando os argumentos racionais, observa que o Deus categorizado apresenta-se como *solução positiva* para o absurdo da vida e da morte, mas, por outro lado, admite que para uma *solução negativa* desses absurdos também não dispomos de razões (Ferreira, 1978 : 236).

As grandes questões da existência não se fundam no raciocínio e as soluções não se fundam na explicação. Para Vergílio Ferreira, nenhuma explicação é válida para sermos quem somos, porque somos absolutamente na insondável radicalidade de nós. Da mesma maneira, não é possível demonstrar a existência ou inexistência de Deus, porque explicar é reduzir o irreduzível. Na perspectiva do escritor português, é na obscura profundidade de nós, no domínio inexplicável do fundamental, em que o escolher é igual ao ser, que a verdade e o erro existem e que Deus verdadeiramente nasce ou morre (Ferreira, 1978 : 240). O autor preocupa-se em distinguir a vivência misteriosa do real da explicação racional e inadequada dessa vivência, explicando que uma obra de arte existe antes de existir uma Estética, que o amor só é verdadeiro antes de um tratado de psicologia e que a questão de Deus só existe antes de existir uma Teodiceia : na teodiceia começa a morrer o Deus para quem nele acredita, isto é, quando começa a viver como discussão racional, começa a morrer como vivência (Ferreira, 1978 : 242).

Considerando que a ciência não nos dá resposta às questões profundas do sentido da vida e do mistério da morte, Vergílio Ferreira considera que o mais alto destino do homem é assumir o seu destino, o qual

inclui a questão da vida e da morte e antes dele ou em consequência dele a questão da existência de Deus. Mas para Vergílio Ferreira o Deus, enquanto ídolo de altar, está morto e não pode ser ressuscitado (Ferreira, 1978 : 244), por considerar que pertence a um mito e que agora há que regressar ao fundamento de todos os mitos que é o próprio homem. Ao questionar essencial de Vergílio Ferreira corresponde um Deus fundamental e essencial, que se esvai de redutibilidade mítica e categorial e se aproxima do inominável da interrogação transcendental originária que o procura, através da noção mediadora de Mistério e da sua presença simultaneamente transcendente e imanente (Ferreira, 1978 : 59).

### *Referências bibliográficas*

- CAMUS, Albert. 1959. *Le Mythe de Sisyphe*, Paris, Gallimard.
- DUQUE, João. 2011. « Questionando a Questão de Deus (Vergílio Ferreira) », in *Fronteiras: Leituras filosófico-teológicas*, Porto, Universidade Católica Portuguesa.
- FERREIRA, Vergílio. 1991. *Espaço do invisível*, n.º 2, Lisboa, Bertrand.
- FERREIRA, Vergílio. 1979. *Do Mundo Original*, 2.ª, Lisboa, Bertrand.
- FERREIRA, Vergílio. 1978. *Invocação ao meu Corpo*, Lisboa, Bertrand.